

**LAURELL K. HAMILTON**

Ossos  
Sangrentos

Tradução  
Alexandre D'Elia

Rocco

Era dia de St. Patrick, e o único verde que eu estava usando era um bóton onde estava escrito: “Me belisca e você vira carne morta.” Eu tinha começado a trabalhar na noite passada com uma blusa verde, mas ela acabou ficando cheia de sangue por conta de uma galinha decapitada na cozinha. Larry Kirkland, ressuscitador de zumbis em treinamento, deixara cair a ave decapitada. A ação fez a pequena galinha sem cabeça dançar, espirrando sangue em nós dois. Por fim, eu peguei a porcaria daquele troço, mas a blusa ficou imprestável.

Fui obrigada a voltar para casa para trocar de roupa. A única coisa que não ficou arruinada foi o paletó cor de chumbo do ter-ninho que ficara no carro. Eu o vesti novamente por cima de uma blusa preta, uma saia preta, uma meia-calça escura e escarpins pretos. Bert, meu chefe, não gosta que usemos preto no trabalho, mas, se eu preciso estar no escritório às sete sem uma horinha sequer de sono, ele é obrigado a conviver com isso.

Eu me encolhi diante da caneca de café, bebendo-o tão forte quanto conseguia. Não estava ajudando muito. Mirei uma série de brilhantes ampliações em 8 por 10 espalhadas em cima da minha escrivaninha. A primeira foto era de um morro que havia sido aberto, provavelmente por uma escavadeira. Uma mão esquelética saía da terra. A foto seguinte mostrava que alguém havia tentado raspar cuidadosamente a terra, exibindo o caixão quebrado e ossos de um dos lados do caixão. Um novo corpo. A escavadeira havia sido trazida novamente. Ela escavara a terra vermelha e descobrira um depósito de ossos. Ossos decoravam a terra como flores espalhadas.

Uma caveira escancarava sua mandíbula solta num berro silencioso. Uma mecha de cabelo louro desalinhado ainda estava grudada no crânio. O tecido escuro e manchado enrolado no cadáver era o que sobrara de um vestido. Avistei pelo menos três ossos femurais próximos à metade superior de uma caveira. A menos

que o cadáver possuísse três pernas, estávamos olhando para uma bagunça de verdade.

As fotos eram bem-feitas, de um ponto de vista meio horripilante. A cor facilitava a diferenciação dos cadáveres, mas o brilho intenso era um pouquinho exagerado. Pareciam fotos de necrotério feitas por um fotógrafo de moda. Talvez exista alguma galeria de arte em Nova York que penduraria em suas paredes essas coisas horrendas e serviria queijos e vinhos enquanto as pessoas ficariam zanzando de um lado para outro dizendo: “Poderosas, não acha? Bastante poderosas.”

Elas eram poderosas, e tristes.

Não havia nada além das fotos. Nenhuma explicação. Bert mandara eu ir até seu escritório depois de dar uma olhada no material. Ele explicaria tudo. Ah, certo, eu acreditava nisso. O coelhinho da Páscoa também é meu amigo.

Juntei as fotos, deslizei-as para dentro do envelope, peguei minha caneca de café com a outra mão e fui em direção à porta.

Não havia ninguém na mesa. Craig havia ido para casa. Mary, nossa secretária do turno da manhã, só chegaria às oito. Há um período de duas horas durante o qual o escritório fica sem ninguém. O fato de Bert me chamar a seu escritório quando nós éramos as únicas pessoas no local me perturbou bastante. Qual o motivo do sigilo?

A porta do escritório de Bert estava aberta. Ele estava sentado atrás de sua escrivaninha, tomando café e remexendo em alguns papéis. Levantou os olhos para mim, sorriu e fez um gesto para que eu me aproximasse. O sorriso me incomodou. Bert só é agradável quando quer alguma coisa.

Seu terno de mil dólares emoldurava uma camisa branca por cima da qual ele usava uma gravata igualmente branca. Seus olhos cinza cintilaram de entusiasmo. Seus olhos são da cor de vidro de janela sujo, de modo que fazê-los brilhar demanda um esforço e tanto. Seus cabelos louros quase da cor de neve haviam sido cortados recentemente. Estavam tão curtos que era possível ver o couro cabeludo.

– Senta aí, Anita.

Joguei o envelope em cima da mesa dele e me sentei.

– O que você está aprontando, Bert?

O sorriso dele ficou mais amplo. Normalmente ele só desperdiça sorrisos com clientes. Certamente não costuma desperdiçá-los comigo.

– Deu uma olhada nas fotos?

– Dei, sim. E aí?

– Você consegue ressuscitar esse pessoal?

Eu franzi o cenho para ele e beberiquei meu café.

– Que idade eles têm?

– Você não conseguiu perceber pelas fotos?

– Ao vivo daria pra dizer, só vendo as fotos não dá. Pode responder à minha pergunta?

– Por volta de duzentos anos.

Eu apenas o encarei.

– A maioria dos ressuscitadores só conseguiria fazer esse serviço com cadáveres tão velhos fazendo sacrifício humano.

– Mas você consegue – disse ele.

– Consigo, sim. Eu não vi nenhuma lápide nas fotos. Temos algum nome?

– Por quê?

Eu balancei a cabeça. Ele era meu chefe fazia cinco anos, abrira a empresa quando havia apenas ele e Manny, e não entendia merda nenhuma sobre como ressuscitar os mortos.

– Como é possível que você conviva com um montão de ressuscitadores de zumbis há tantos anos e ainda assim saiba tão pouco sobre o que a gente faz?

O sorriso deu uma trégua, e o brilho começou a desaparecer de seus olhos.

– Por que você precisa de nomes?

– A gente usa os nomes pra fazer os zumbis saírem de seus túmulos.

– Sem nomes não é possível ressuscitar os zumbis?

– Teoricamente, não – eu disse.

– Mas você consegue – disse ele. Eu não estava gostando daquela certeza dele.

– Consigo, sim. John provavelmente também consegue.

Ele sacudiu a cabeça.

– Eles não querem o John.

Eu terminei o que restava de meu café.

- Eles quem?
- Beadle, Beadle, Stirling e Lowenstein.
- Um escritório de advocacia – eu disse.

Ele assentiu com a cabeça.

– Chega de brincadeira, Bert. Conta logo pra mim que diabos está acontecendo.

– Beadle, Beadle, Stirling e Lowenstein têm uns clientes que estão construindo um resort supersofisticado nas montanhas, perto de Branson. Um resort bem exclusivo. Um lugar aonde as estrelas ricas do país que não possuem casa nas redondezas podem ir para ficar afastadas das multidões. Milhões de dólares estão em jogo.

– O que o antigo cemitério tem a ver com isso?

– A terra na qual eles estão construindo estava sendo disputada por duas famílias. Os tribunais decidiram que a família Kelly era a proprietária da terra e eles receberam uma boa quantia de dinheiro por conta disso. A família Bouvier afirma que a terra pertence a eles e havia um lote de terra da família no local que poderia provar isso. Ninguém conseguiu encontrar o cemitério.

Ah.

– Eles encontraram agora – eu disse.

– Eles encontraram um cemitério antigo, mas não necessariamente o lote de terra da família Bouvier.

– Quer dizer então que eles querem que eu ressuscite os mortos e pergunte pra eles quem eles são?

– Exatamente.

Eu dei de ombros.

– Eu posso ressuscitar alguns cadáveres nos caixões. Perguntar quem eles são. O que acontece se o sobrenome deles for Bouvier?

– Vão ter de comprar a terra uma segunda vez. Eles acham que alguns cadáveres são Bouvier. É por isso que querem que todos os corpos sejam ressuscitados.

Eu ergui as sobrancelhas.

– Isso só pode ser piada.

Ele balançou a cabeça, parecendo estar satisfeito.

– Dá para você fazer isso?

– Não sei. Me dá essas fotos de novo. – Eu depusitei a caneca de café na mesa e peguei de volta as fotos. – Bert, eles arrasaram isso aqui de tudo que é maneira. O local virou um cemitério coletivo,

graças às escavadeiras. Os ossos estão todos misturados. Eu li que até hoje existiu apenas um caso em que foi possível ressuscitar um zumbi num cemitério coletivo. Mas eles estavam chamando uma pessoa especificamente. Tinham um nome. – Balancei a cabeça. – Sem um nome talvez não seja possível.

– Você estaria disposta a tentar?

Eu espalhei as fotos em cima da mesa, mirando-as. A metade superior de um crânio havia sido revirada como se fosse um vaso. Dois ossos de dedos atados a algo ressecado que deve ter sido um tecido humano estavam dispostos ao lado dele. Ossos, ossos por toda parte, mas nenhum nome a quem chamar.

Será que eu conseguiria fazer isso? Honestamente, não sabia. Eu queria tentar? Pode crer que queria.

– Estou disposta a tentar.

– Maravilha.

– Ressuscitar alguns desses cadáveres a cada noite vai levar semanas, se eu conseguir. Com a ajuda de John a coisa seria mais rápida.

– Essa demora toda vai custar milhões a eles – disse Bert.

– Não há outra maneira de fazer isso.

– Você tirou debaixo da terra toda a família Davidson, incluindo o bisavô. E nem precisava ter ressuscitado o cara. Você consegue ressuscitar mais de um por vez.

Eu balancei a cabeça.

– Isso foi um acidente. Eu estava me mostrando. Eles queriam ressuscitar três membros da família. Pensei que economizariam se eu fizesse tudo de uma vez só.

– Você tirou do túmulo dez pessoas da família, Anita. Eles só pediram três.

– E daí?

– Daí que você consegue ressuscitar o cemitério inteiro em uma única noite, não consegue?

– Você está maluco – eu disse.

– Consegue ou não consegue?

Eu abri a boca para dizer não, mas fechei-a. Eu ressuscitara uma vez um cemitério inteiro. Nem todos tinham duzentos anos, mas alguns eram até mais velhos, tinham quase trezentos anos. E eu ressuscitei todos eles. É claro que contei com dois sacrifícios humanos

para reunir o poder necessário. É uma longa história a maneira como acabei com duas pessoas morrendo dentro de um círculo de poder. Legítima defesa, mas a magia não ligou para isso. Morte é morte.

Será que eu conseguiria?

– Realmente não sei, Bert.

– Isso não é um não – disse ele. Bert estava com um olhar ansioso e cheio de expectativas no rosto.

– Eles devem ter te oferecido uma grana preta – eu disse.

Ele sorriu.

– Nós estamos na disputa pelo projeto.

– Nós estamos fazendo o quê?

– Eles enviaram esse pacote pra gente, a Companhia de Ressurreição da Califórnia e a Chama Essencial de Nova Orleans.

– Eles preferem Élan Vital a essa tradução aí – eu disse. Francamente, isso parecia mais um salão de beleza do que uma empresa de ressuscitação, mas ninguém tinha pedido a minha opinião. – E daí? A oferta mais baixa fica com o negócio?

– Esse era o plano deles – disse Bert.

Ele parecia estar totalmente satisfeito consigo mesmo.

– O quê? – perguntei.

– Deixa eu te colocar a par da coisa toda – disse ele. – Existem o quê, três ressuscitadores em todo o país capazes de tirar da terra zumbis tão velhos sem precisar de sacrifício humano? Você e John são dois deles. Eu estou incluindo Phillipa Freestone, da Ressurreição, nesse grupo.

– Provavelmente – eu disse.

Ele balançou a cabeça em concordância.

– Tudo bem. Será que Phillipa faria a ressurreição sem precisar do nome?

– Eu não tenho como saber isso. John conseguiria. Talvez ela conseguisse.

– Será que ela ou John conseguiriam fazer o trabalho a partir dos ossos espalhados no cemitério, não os do caixão?

Isso me deteve.

– Não sei.

– Será que um dos dois teria alguma chance de ressuscitar todo o cemitério? – Ele estava me encarando com muita firmeza.

– Você está gostando demais dessa história toda – eu disse.  
– Responde à pergunta e pronto, Anita.  
– Eu sei que John não conseguiria. Eu não acho que Phillipa seja tão boa quanto John, então a resposta é não, não acho que eles conseguiriam.  
– Vou pedir mais – disse Bert.  
Eu ri.  
– Pedir mais?  
– Ninguém mais consegue fazer o serviço. Só você consegue. Eles tentaram tratar a coisa como se fosse um problema de construção como outro qualquer. Mas ninguém mais vai se candidatar, vai?  
– Provavelmente não – eu disse.  
– Então eu vou depenar os caras – disse ele com um sorriso.  
Eu balancei a cabeça.  
– Filho da puta ganancioso.  
– Você sabe que uma porcentagem do pagamento é sua.  
– Eu sei. – Nós olhamos um para o outro. – E se eu tentar e não conseguir fazer a ressurreição de todos os corpos em uma única noite?  
– Mesmo assim, mais dia menos dia você vai conseguir fazer o trabalho, não vai?  
– Provavelmente. – Eu me levantei, pegando a caneca de café. – Mas eu não gastaria a grana antes de terminar o serviço. Vou dormir um pouco.  
– Eles querem decidir a disputa amanhã bem cedo. Se eles aceitarem as nossas condições, vão te levar num helicóptero particular.  
– Helicóptero. Você sabe que eu odeio voar.  
– Por todo esse dinheiro você voa numa boa.  
– Ótimo.  
– Fica pronta pra sair a qualquer momento.  
– Para de insistir, Bert. – Eu hesitei na porta. – Me deixa levar o Larry comigo.  
– Por quê? Se o John não consegue, então com certeza o Larry também não vai conseguir.  
Eu dei de ombros.  
– Talvez não, mas existem maneiras de combinar poder durante uma ressurreição. Se eu não puder fazer isso sozinha, de repente posso conseguir ajuda do nosso estagiário.



Ele pareceu estar pensativo.

– Por que não levar John? Combinados, vocês dois poderiam fazer.

– Só se ele me cedesse seu poder espontaneamente. Você acha que ele faria isso?

Bert balançou a cabeça.

– Você vai contar pra ele que o cliente não queria que ele participasse? Que você o ofereceu ao cliente e eles me pediram por causa do meu nome?

– Não – disse Bert.

– É por isso que você está fazendo tudo dessa maneira; sem testemunhas.

– O tempo urge, Anita.

– Com certeza, Bert, mas você não quis encarar o sr. John Burke com mais um cliente que preferiu a mim em vez de preferir a ele.

Bert baixou os olhos em direção a suas mãos de dedos grossos unidas em cima da mesa. Em seguida ergueu-os, os olhos cinza sérios.

– John é quase tão bom quanto você, Anita. Não quero perdê-lo.

– Você acha que ele vai pedir demissão se mais um cliente preferir a mim?

– O orgulho dele está ferido – disse Bert.

– E existe orgulho demais ali pra ser ferido – eu disse.

Bert sorriu.

– Apoquentá-lo não ajuda em nada.

Dei de ombros. Parecia baixeza da minha parte dizer que ele começara aquilo, mas era a verdade. Nós havíamos feito uma tentativa de namoro e John não conseguia lidar com o fato de eu ser uma versão feminina dele próprio. Não; ele não conseguia lidar com o fato de eu ser uma versão melhor dele.

– Tenta se comportar, Anita. Larry ainda não está a par de nada disso; nós precisamos de John.

– Eu sempre me comporto, Bert.

Ele suspirou.

– Se você não me trouxesse tanto dinheiro, eu não aguentaria todas essas suas merdas.

– Idem – eu disse.

Isso resume muito bem o nosso relacionamento. Comércio em todos os sentidos. Nós não gostamos um do outro, mas podemos fazer negócios juntos. Livre-iniciativa no trabalho.